

DIÁLOGOS COM QUEM OUSA EDUCAR, EDUCANDO-SE: A FORMAÇÃO DE EDUCADORES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR

Ana Maria de **Campos** – PUC-Campinas

Graziela Giusti **Pachane** – PUC-Campinas

Agência Financiadora: CAPES

*Quem não pisa na terra
Não sente o chão
Luz e vida
Pulsção*

Luiz Melodia

Apresentamos aqui alguns desdobramentos de um Projeto de Educação Popular realizado na Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP na alfabetização de jovens e adultos, durante os anos de 2003 e 2004.

Abordamos através de poemas, crônicas, diários e outros tipos de registros produzidos por educadores e formadores, a experiência de formação vivenciada no Projeto LETRAVIVA¹. Nela existem lacunas e contradições, mas ao mesmo tempo, a disponibilidade e abertura para releituras e recriações. Como afirmou Lya Luft, *“pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto”* (2004, p. 22).

Muitas vezes, os estudos acadêmicos fazem referências tangenciais às produções de educadores e formadores, porém não disponibilizam os seus escritos. Aqui, porém, *hospedamos* carinhosamente as narrativas de algumas educadoras populares a fim de amplificar suas vozes, tornando-as audíveis nos espaços acadêmicos. Queremos, assim, repactuar continuamente o diálogo entre sujeitos produtores de conhecimento: educadores, formadores e pesquisadores. Com Paulo Freire aprendemos que o diálogo é um ato fundante na relação pedagógica, *“o diálogo é uma exigência existencial”* (FREIRE, 1981, p. 93) porque *“somente na comunicação tem sentido a vida humana”* (*Ibid*, p.73). Por meio do diálogo com os textos das educadoras, quem sabe possamos aprender um pouco mais sobre como se dão as relações e a aprendizagem nesses espaços educativos.

¹ Implementado pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o MEC e a sociedade civil campineira através do Programa Brasil Alfabetizado, em 2003.

Os escritos foram elaborados a partir do desejo e da criatividade gestada nos grupos de alfabetização e por isso, na nossa compreensão, são potentes para dar a ver, ao menos de relance, a abundância de vida e de sabedoria que existe nas vivências dos grupos populares, e, também, o modo como as educadoras recriavam nas suas ações cotidianas os aprendizados elaborados a partir dos Cursos e Encontros de Formação semanais realizados no LETRAVIVA.

O despertar do sonho

Iniciamos a partilha dos textos com um poema:

LETRAVIVA

M w a c y d p q t a e s i...
Letras soltas, avulsas no papel,
são simplesmente letras,
soltas, avulsas no papel!
Correm por aqui,
vão por ali.
Simplesmente letras,
não fazem sentido algum,
ficam soltas, avulsas no papel!
Mas com algo maior do que elas
se pode formar uma, duas, três...
Letras vivas
que façam sentido no papel,
na vida de quem lê,
de quem escreve,
de quem se ama e se quer amar.
Sim, porque letra viva,
ela forma, transforma,
ela é o anseio daquele que
quer conhecer o mundo ao seu redor.
Tudo o que está à sua volta!
A letra solta, avulsa,

não forma nada,
porém ela letra viva com LETRAVIVA,
forma uma semente que
germina o dom maior:
O Amor!
E esta canção dever ser
cantada todo dia,
pois ela vem do coração
e se cantarmos juntos,
o amor irá fluir.
Então,
LETRAVIVA fará diferença!

Educadora Cecília², Outubro de 2003.

O primeiro Curso de Formação Inicial dos educadores foi realizado em Setembro de 2003, sendo Cecília uma das educadoras que iniciou o trabalho em um dos 185 grupos de alfabetização criados na primeira etapa do LETRAVIVA. Após alguns dias de atividades, trouxe-nos este poema como um presente. Reproduzimos o poema e o entregamos, também como presente, aos demais educadores que foram sendo acolhidos no LETRAVIVA.

O Curso de Formação Inicial era proposto e vivenciado como um convite e um desafio para criarmos juntos uma possibilidade de alfabetização de jovens e adultos que tomasse como ponto de partida os saberes e as histórias de vida dos educandos e dos educadores. O desafio era o de construirmos novas e outras possibilidades nas relações vividas nos espaços educativos, criando continuamente o que Freire chamou de *inédito-viável*. Segundo Freitas,

[...] o *inédito-viável* não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente. A criação do *inédito-viável* representa, sobretudo, uma alternativa que se situa no campo das possibilidades e não das certezas. Compreendido desse modo, o ato coletivo de sonhar encerra em si a possibilidade de superar as práticas tradicionalmente inquestionadas. Constitui-se em atitude crítica de formação que concebe a distância entre o sonhado e o realizado como um espaço a ser ocupado pelo ato criador. Assumir de modo coletivo esse espaço

² Nomes fictícios.

de criação abre possibilidades para que se consolidem propostas transformadoras e *ineditamente-viáveis* capazes de, progressiva e sucessivamente, tornarem os *sonhos possíveis* (FREITAS, 2007, p.19).

Organizamos o Curso de modo a ser formativo e desafiador para agregar os saberes disponíveis trazidos pelos educadores. Desde o primeiro encontro criamos possibilidades de partilha de conhecimentos e de elaboração coletiva de propostas a serem desenvolvidas nos grupos de alfabetização. Este modo de trabalho gerou impacto, percebido por nós pelos depoimentos espontâneos no decorrer dos estudos e das atividades. O comentário recorrente era de que não estavam acostumados a produzir e sim a receber orientações previamente elaboradas, e até mesmo, programas prontos para serem seguidos *à risca*.

Nossa proposta de trabalho fundamentava-se na Educação Popular³, nos princípios emancipatórios formulados por Paulo Freire. Buscava enfatizar a produção do conhecimento por meio do diálogo e possibilitar para todos os sujeitos, educandos e educadores, a experiência da re-existência, da reconstrução de trajetórias, de conhecimentos:

Primeiro os pés: não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso. Primeiro o fazer, que abre o campo do possível. Possível e fazer que estão atrelados ao poder, ao poder de cercear e ao poder de criar. Nós, educadores, que usamos a palavra como instrumento de trabalho, somos submetidos ao desafio de dividi-la, de forma criativa, com o outro. Para que o outro, afiando esse instrumento, possa potencializá-lo na reconstrução de si mesmo (GARCIA, 2001, p. 83).

Alfabetização era compreendida como um processo de construção de possibilidades para a vida se expressar da forma mais abrangente possível. Sujeitos

³ Existe um mosaico de interpretações do que seja Educação Popular. Vários autores fazem referência a esse assunto e os mais conhecidos são Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Alberto Torres, Frei Betto, Oscar Jara, dentre outros. Segundo Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti : “É um *paradigma teórico* que surge no calor das lutas populares. Trata de codificar e decodificar os temas geradores dessas lutas, busca colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressam essas lutas [...] Passou por muitos *momentos epistemológico-educativos e organizativos*, desde o otimismo guerreiro da campanha de alfabetização da Nicarágua e o sistema de educação popular de adultos forjado com cheiro de pólvora, até a educação popular que produz pequenas peças de artesanato, junta roupa usada, soluça com raiva resmungando ódio junto com o desempregado na periferia urbana. Desde a experiência das comunidades eclesiais de base que lendo o mundo leem a palavra e recriam a religiosidade popular, até aqueles que buscam criar uma nova economia popular a partir das experiências de solidariedade comunitária” (1994, p.8, 9).

cognoscentes produzem conhecimento a partir de competências linguísticas que trazem consigo, de suas vivências, de suas práticas sociais. Garcia auxilia nessa abordagem: “Para nós, alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimentos inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada” (GARCIA, 1992, p. 10).

Ao final do primeiro Curso de Formação Inicial, recebemos muitas manifestações escritas, dentre as quais esse poema:

HOJE LETRAVIVA

Outra vez me vejo a sonhar
Buscar o meu lugar.
Não posso mais fugir,
Quero me encontrar

Feliz vou seguir
Com dúvidas, sim
Quero me encontrar
Sem medo de sonhar.

Vivo a certeza.
Vai se realizar,
Sem medo de sonhar
Vou alfabetizar.

Educadora Cristina

Setembro de 2003.

(Escrevi esses versos quando estava fazendo o Curso de Formação Inicial do Projeto LETRAVIVA. Um chamado para recomeçar! E a vida continua...)

O sonho da educadora fez-se realidade a partir de um trabalho coletivo centrado na história de vida dos sujeitos participantes do grupo. A constituição do ambiente alfabetizador favorável à interação e respeitoso às práticas sociais daquela

comunidade possibilitou a muitos dos excluídos da escola adentrar e transitar no mundo dos letrados.

Percebemos que a história de vida das educadoras, o pertencimento e o conhecimento vivencial do mundo dos oprimidos, é demasiadamente imbricado ao seu modo de construir conhecimentos e de superar o ordinariamente visível. Trazer para o espaço acadêmico essa dinâmica reflexiva é fundamental para compreendermos um pouco melhor como se desenvolvem esses processos educativos. Além de reafirmar as teses de Freire de que o respeito ao saber do outro e o diálogo a partir do seu universo cultural⁴ são essenciais para que o conhecimento produzido coletivamente seja substantivo e significativo para a vida de cada pessoa, do seu grupo social e, por extensão, também da academia.

Na narrativa a seguir, escrita a nosso pedido em 2008, a educadora Marta desenvolve um olhar retrospectivo e reflexivo em relação ao trabalho realizado em 2003 e 2004, oferecendo uma avaliação singular e afirmativa da vivência experienciada no grupo de alfabetização:

MEMÓRIA DAS EXPERIÊNCIAS COMO EDUCADORA DO LETRAVIVA

Toda pessoa tem sua História de vida, História que se vai construindo, tecendo, entrelaçando, sem nunca perder o fio condutor.

No ano de 2003, no Palácio dos Azulejos, nesta cidade, participei da primeira reunião, onde depois de vários anúncios, foi exposto o que seria o programa de alfabetização Brasil Alfabetizado, do governo federal e que em Campinas recebeu o nome de LETRAVIVA.

Me comprometi em ser educadora do Projeto LETRAVIVA, e confesso que até hoje, mesmo não fazendo parte de nenhum grupo de alfabetização, me removem as entranhas, cada vez que me recordo daquele grupo que tanto me ensinou e despertou para o meu ser mulher, e assim para outros tipos de alfabetização.

Me surpreendia a cada tarde de encontro com elas. Digo elas porque no grupo só havia mulheres, não por falta de convites aos homens também, mas no grupo só tinha elas, desde uma bem pequena que ali aprendeu a dar seus primeiros passos, pois só tinha 10 meses de idade, até uma que na época tinha 75 anos e que ali naquele grupo aprendeu a assinar o seu nome. Foi um momento que todas choramos, simplesmente por ver sua alegria e empenho.

⁴ Vale a pena conferir as reflexões que Freire apresenta no livro “Extensão ou comunicação?”.

Penso que a primeira postura da pessoa que se dispõe a “alfabetizar” é tirar as sandálias dos pés, porque a vida de cada pessoa é muito sagrada e está sempre em movimento. Muitas palavras foram escritas em forma de poesia, retratando a própria vida.

Em uma casa onde não havia janelas, não entrava nenhum raio da luz do sol, simplesmente por não interessar se era noite ou dia. A palavra foi escrita de forma diferente, através de diversas telhas de vidro espalhadas no telhado.

Algumas palavras foram escritas e lidas bem baixinho ao pé do meu ouvido. Foi um grito sussurrado, um gemido de denúncia: “Eu durmo sempre bem abraçada com meu companheiro, mesmo quando ele está bêbado, pois tenho em casa uma “menina-moça”, e não vou me perdoar se ele fizer algum mal pra ela”.

Sim, muitas palavras foram escritas e lidas através de danças, desenhos, sorrisos, festas, passeios e também, na surpresa da descoberta de nossos corpos de mulher com todo o seu encanto, mistério, mas que também é alvo de diversas formas de discriminação e preconceito, maus tratos, piadas de mau gosto e de muitas formas de tabus.

A experiência no Projeto LETRAVIVA, me fez despertar para a alegria de acolher e de me deixar ser acolhida pelas pessoas, me ajudou a ver que o mundo vai muito além de mim e das minhas próprias necessidades.

Me deu possibilidades de compreender que a vida vai se tecendo em sonhos e que somente em comunhão poderemos partilhar de um mundo mais justo, mais de acordo com vontade de Deus. E que a alfabetização vai mais além de “ensinar a ler e escrever”, que é uma arte colocar som nas letras, cores nas palavras e que para isso é preciso usar as técnicas que temos por natureza, aguçando todos os nossos sentidos, olfato, tato, visão, paladar e audição.

Me ensinou a ser mais mulher e cúmplice de tantas mulheres, que também fizeram a opção de tirar as sandálias, porque a vida é sagrada e merece ser vivida com dignidade e em uma festa onde caiba todas as pessoas. Este é o sonho de Deus, e nós somos co-responsáveis para que ele se torne realidade.

Marta, Abril de 2008

Nos princípios de uma educação para a emancipação, presentes nas concepções e recriações da Educação Popular, a centralidade do processo educativo está na *produção* do conhecimento e não na pura e simples reprodução e transmissão de conteúdos, ainda muito frequente em nossos dias na “educação bancária”, conforme abordou Freire em *Pedagogia do Oprimido*.

Podemos notar pela narrativa, o valor que a educadora confere a tudo o que experienciou ao explicitar que “*me removem as entranhas, cada vez que me recordo daquele grupo que tanto me ensinou e despertou para o meu ser mulher, e assim para outros tipos de alfabetização*”.

A Educação Popular:

Ao escolher ir aos que ficaram à margem, ao convocá-los ao círculo do diálogo e não à monotonia das carteiras em filas silenciosas, o educador desta escolha aprende a viver a sua realidade. Ao dizer aos seus estudantes que digam o que pensam para que daí algo se construa da maneira mais solidária possível, o educador popular aprende a lidar, com o mistério do outro dentro de uma experiência de educação onde não se pode falar em pedagogia sem se falar – da maneira mais genuína possível – do amor. E é sempre ele quem aponta os caminhos e sugere os passos. (BRANDÃO, 2002, p. 43).

Nos grupos de alfabetização referenciados nos princípios da Educação Popular, a investigação inicial do universo vivido pelos sujeitos e suas trajetórias existenciais potencializa a realização de um *Raio X* do contexto social. A história de vida dos membros do grupo utilizada como *plataforma de lançamento* para a compreensão e desvelamento da realidade da sociedade dividida em classes, aproxima sem hierarquizar, educadores e educandos. Todos compartilham a oportunidade de levantar o véu que encobre a razão do mundo capitalista ser organizado sob o fundamento da exploração do trabalho humano. É possível, então, a explicitação da condição social de exclusão nas vidas que carregam as marcas do pertencimento de classe.

Esta ampliação da compreensão da história pessoal e social reabilita a pessoa para um novo tipo de participação na sociedade, mais exigente e mais crítico. Há uma confluência entre a produção coletiva do saber entrelaçada ao saber sobre si, potencializando a criação de novas práticas sociais e o refazer da própria história a partir do território onde acontece a experiência cotidiana.

Para não desperdiçarmos a experiência, e sim ampliá-la, a fim de que outras pessoas também possam se valer dela e retomar o caminho e o trabalho de se refazer, se reconstruir, propusemo-nos a realizar o registro daquilo que pudemos viver enquanto criávamos o LETRAVIVA. Como ensinou Paulo Freire, somos seres inconclusos. *Estamos sendo*. Não estamos prontos, por isso podemos aprender com o outro e com a crítica daquilo que já fizemos (FREIRE, 2000, p.40-41).

Educadores têm papel fundamental no trabalho de retomada das trajetórias de vida. Podem contribuir para ressignificar as finalidades das ações e atividades humanas, colaborando para repensar as relações nos pequenos espaços construídos cotidianamente, no tempo de uma aula, por exemplo. Educação não se dá no abstrato, no vácuo, ou apenas no discurso engajado. Ela se faz na concretude das relações sociais, nos intercâmbios entre as pessoas.

Trabalhar com alfabetização de jovens e adultos é sintomático da desigualdade social. Afinal, por que algumas pessoas chegam à vida adulta sem o domínio dos códigos linguísticos em uma sociedade de transformações aceleradas? Porque há um *apartheid* social, bem sabemos:

Com as mudanças sociais, ampliam-se os usos da leitura e da escrita, exigindo sempre uma atualização de quem nela vive. Hoje, os avanços tecnológicos apontam novas formas de utilização da escrita, novos portadores de textos, novos gêneros textuais e, conseqüentemente, um maior uso da escrita nas interações sociais. [...] Se há algumas décadas atrás saber ler e escrever era privilégio de poucos, hoje é uma das condições para se transitar numa sociedade na qual a leitura e a escrita são mediadoras de uma enorme gama de bens e serviços produzidos socialmente. Entre esses bens, poderíamos citar a saúde, a segurança, o trabalho, o lazer e as informações. Porém, não podemos acreditar que de posse desse saber, o acesso aos bens citados será garantido, pois, além de saber ler e escrever, devemos lutar pela conquista de direitos que, numa sociedade excludente, ainda não estão efetivamente garantidos. (ALMEIDA, 2006, p. 39-40).

A seguir apresentamos um registro marcante com tom autobiográfico, da educadora Raquel:

LETRAVIVA... ESPERANÇA DE VIDA

No ano de 2003 a vida me pregou uma grande peça... eu diria mesmo uma tremenda rasteira. Em 7 de março meu pai faleceu. Quando recebemos a notícia, minha mãe passou mal, levei-a imediatamente ao pronto-socorro, mas ela não resistiu... assim, velei meu pai e minha mãe no mesmo dia e os enterrei no mesmo instante

Como duas flores unidas;
 Como duas rosas nascidas
 Talvez no mesmo arrebol;

Vivendo no mesmo galho
Da mesma gota de orvalho;
Do mesmo raio de sol...

Entrei num profundo desespero. Faltou-me chão. O vazio que ficou em mim era imenso. Eu não tinha mais referencial... perdi minha identidade... Uma semana depois, em meio a toda essa dor, acompanhei minha filha a Ouro Preto, pois, ela havia entrado na UFOP e ia estudar por 4 anos. Uma amiga nos acompanhou. Quando ela me perguntou se eu estava triste, lhe respondi que nada podia ser comparado ao que tinha vivido há uma semana atrás.

Voltei para minhas filhas em Campinas e deixei A. muito fragilizada em Ouro Preto. Tentava ser forte por elas. Lamento dizer, que não consegui. A ausência dos meus pais, o desemprego e uma grande amargura foram me dominando e caí em profunda depressão!... e foi neste contexto de vida que me apresentaram o LETRAVIVA! O “astral” do grupo me “botou pra cima”. Ninguém sabia minha história, com exceção da I., L. e A. Elas não falavam nada e eu também me calava na tentativa de esquecer.

Fui me envolvendo por inteiro no projeto. Eu acreditava nele e queria que desse certo. Fizemos formação, articulamos, montamos grupos. T. me incentivou a assumir um grupo como educadora, assim vivi uma grande experiência.

Minha vida foi se transformando... Eram senhoras idosas, senhores e até adolescentes. Aos poucos eles foram invadindo a minha vida e não tive como não me envolver na vida deles. Aconteceram muitas coisas nesses nove meses de LETRAVIVA: Emoção da primeira palavra lida, na construção da primeira frase... no emprego conseguido pelo C., fome, mortes, separações... Como não me envolver? Eles me colocavam como peça fundamental no dia a dia deles.

No dia 29 de maio de 2004 uma grande festa na Praça Carlos Gomes selou esta linda conquista do nosso povo. Me emocionei com eles. Hoje, olho e me vejo inteira, recuperada. Já não preciso tomar antidepressivo. Mesmo com o desemprego, a filha distante, a ausência dos meus pais e a saudade deles, somada a todas as dificuldades que a vida oferece, eu vejo luz... luto por soluções.

E o LETRAVIVA... “Viva letra, simples, popular e caseiro...” sem dúvida nenhuma foi fundamentalmente importante na minha retomada de vida. Por tudo isso eu quero deixar uma pequena mensagem; “Você que viveu passe adiante”!

Educadora Raquel, Junho de 2004.

Mais uma narrativa espontânea, das muitas produzidas pelas educadoras. Como *letras vivas*, brotaram das suas necessidades de expressar o vivido, pois não cabiam mais dentro delas próprias, *transbordando* para a página outrora em branco. “*Palavra quando acesa, não queima em vão*”, cantou o Quinteto Violado. E nós pudemos cantar como eles. A alegria pela transformação da vida, de suas próprias vidas e das vidas dos educandos, impelia à ação criativa de produzir poemas, diários, cartas, paródias...

Esta narrativa impressiona, pois mostra o movimento subjetivo da educadora assumindo-se como pessoa de valor para si e para o conjunto de pessoas com quem passou a se relacionar. Ela pôde se reconhecer como produtora de novos significados para sua vida e de muitos outros. E mais, passou a lutar por soluções, como sujeito histórico de uma realidade em construção, em movimento de ressignificação a partir do trabalho coletivo. Compreendeu a sua responsabilidade social no contexto de um projeto de alfabetização de jovens e adultos. Raquel teve a oportunidade de pensar criticamente sobre a sua prática, confrontando-a com as suas teorias, pois como lembra Paulo Freire, “foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar” (FREIRE, 2003,p.44).

Raquel produziu outra narrativa e a compartilhou conosco, em 2004, após aproximadamente oito meses de trabalho no grupo:

DEPOIMENTO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA EM SALA DE AULA:

A experiência que vivo no LETRAVIVA é muito rica. Nas salas de aula, junto aos educandos, com a visão de mundo que eles trazem mais aprendo do que ensino. Não há como não nos envolver com os problemas deles. Em uma dessas situações Dona S. procurou-me e confidencialmente, pediu para eu arrumar uma condução para levá-la a Campos do Jordão, visitar um filho que estava internado. Segundo ela o hospital da PUC havia transferido o rapaz para um hospital de lá, há três meses, e eles nunca tinham podido ir vê-lo. Sentia-se machucada, ferida, por não poder estar por perto dando apoio, pois ele estava doente, longe e sozinho.

Fiquei preocupada. Procurei a comunidade que me prometeu a coleta de um dia da missa para ajudar nas passagens. O tempo foi passando. O Natal se foi e eu não consegui dar esse presente a ela. A ajuda demorou muito e numa certa noite de aula fui avisada que o filho

da Dona S. havia morrido. Senti-me um fracasso! Não consegui ajudar Dona S. ver o filho com vida. Quando terminei a aula era tarde para ir sozinha ao cemitério dos Amarais. Prometi a mim mesma que no dia seguinte, logo cedo, levaria minha filha à rodoviária e depois iria ao velório. Às sete da manhã, liguei para a casa dela e soube que o enterro seria às 8 horas. Não pude chegar a tempo e assim, não consegui estar com ela naquela hora difícil. À noite quando cheguei para a aula Dona S. estava lá! Fiquei perplexa! Ela havia enterrado o filho naquele dia... Quando fui abraçá-la, me disse com voz entrecortada: “Pedi para atrasarem o enterro meia hora para ver se a senhora chegava...”

Essa dor calou mais forte. Fiquei muito mal! Senti-me incapacitada, pequena, de novo fracassada. Fiz um apelo junto à Equipe de Apoio e todos contribuíram com um pequeno valor. Rifei uma camiseta do LETRAVIVA mais a coleta da missa. Juntei tudo e levei a nossa pequena ajuda à Dona S., agora para ajudar a pagar as despesas do enterro.

Fatos como esse não param de acontecer no dia a dia do LETRAVIVA e para o nosso povo tão sofrido, a nossa presença no meio deles é por demais importante.

Educadora Raquel, Julho de 2004.

A educadora Mariana também participou com muita criatividade do LETRAVIVA. Em um encontro de Educadores Populares que realizamos em abril de 2008 afirmou: *“Quando entrei no LETRAVIVA fiquei muito encantada em como a gente era tratada, sabe? Eles [coordenadoras, grupo de apoio, estagiários] olhavam seriamente nas pessoas. Davam o valor que o ser humano precisa ter”*.

Ao ser convidada para colaborar com a pesquisa ficou bastante entusiasmada e nos mostrou vários trabalhos desenvolvidos em seu grupo de alfabetização, inclusive nos presenteou com a cópia de um diário no qual registrou sua experiência de vida e de educadora. Da leitura, podemos observar que sua trajetória como alfabetizadora é longa. Seus escritos revelam que teve contato com realidades bastante distintas e adversas:

Em 1983 fiz o magistério e assim que me formei fui dar aula em uma fazenda lá na Bahia, para uma classe multisseriada, aprendi muito com aquela classe, pois era um ensino voltado para quem trabalhava na lavoura.

No ano seguinte trabalhei com uma classe de 1ª série, isto na cidade, eram treze crianças mais sei que errei muito por não saber trabalhar com alfabetização de crianças. Como

eu não tinha muito acompanhamento pedagógico eu fazia o que sabia. No ano seguinte, que era 1986 mudei para Campinas. Chegando aqui numa semana, na próxima já arrumei emprego em uma pré-escola, aquela sala era mantida pela Fundação Educar, e eu, como não tinha nenhum preparo para dar aulas em classe de alfabetização, devo muito a uma senhora que era a merendeira e a dona da sede onde funcionava a escola. Como era um local na periferia de Campinas, [vieram] várias professoras que não gostavam do local, da lonjura e acabavam desistindo. Como vim morar naquele bairro, fiquei lá durante um ano fazendo o que sabia e o que dona C. me ensinava. Apesar de ela não ser professora, ela era muito inteligente, e cada professora que vinha, ficava uma semana, ela adquiria conhecimentos, e nós duas juntas trabalhávamos com as crianças. Isso foi no ano de 1987.

Em 1988 eu fui trabalhar em outra localidade com outras realidades, e com isto fiquei em classes de pré-escola até 1990. Quando foi em 1991, a prefeitura tirou-me a classe devido o meu magistério ser só de 1ª a 4ª série. Fui trabalhar na Secretaria de Educação com cargo administrativo, foi quando surgiu um concurso para alfabetização de jovens e adultos e eu passei. Fui chamada para substituir e fiquei vários anos como professora substituta de jovens e adultos.

Em 1998 fiz uma inscrição como substituta para dar aula de 1ª a 4ª série, e trabalhei dois anos, e no ano de 2000 perdi todos os meus dois cargos por não ter passado em um concurso. Fiquei doente, desmotivada por tudo que aconteceu, e passaram vários anos, nem fui atrás de nenhum emprego. Trabalhei com vendas, mas não fui bem sucedida.

No final de 2004, fiquei sabendo que havia um projeto de alfabetização na cidade, fui me informar e acabei abrindo uma classe e trabalhei 8 meses. Gostei muito desse trabalho que fiz durante esses oito meses, porque o projeto era uma coisa nova para mim, tornei bastante emocionada ao voltar para a sala de aula depois de quatro anos, e com alfabetização de jovens e adultos.

Neste Projeto que se chamava LETRAVIVA eu conhecia várias pessoas interessantes e pessoas humildes, interessante que ficou marcado: a D., a A., o professor Romualdo que deu um curso de Extensão Universitária para nós educadoras e professoras.

Trabalhando no Projeto LETRAVIVA, foi como se eu tivesse mudado de país, em relação às outras atividades em sala de aula que eu já havia participado. Eu fiquei muito entusiasmada com a forma que cada uma de nós educadoras éramos tratadas. Nós éramos valorizadas como ser humano, de conversar olhos nos olhos, sentar pertinho uma das outras para trocarmos experiências, resolver nossos problemas de educadora, ou às vezes de educando. Foi uma coisa, ou melhor, uns momentos assim tão bons que à vezes eu tinha uma

ideia para trabalhar um determinado assunto com meus educandos, eu estava deitada, ou às vezes fazendo o serviço de casa, eu parava, anotava tudo como seria feito e depois prosseguia o serviço ou até mesmo o meu descanso.

Eu fiz tantos trabalhos no LETRAVIVA que às vezes penso porque não gravei para ficar registrado todos os momentos bons dos nossos encontros com educandos, com o pessoal de apoio que nos apoiava. Essas pessoas eram: Coordenadoras, estagiários, as educadoras, os educandos, os lojistas da cidade que nos doaram muitos materiais, coisas que eu nunca tinha conseguido quando dava aula formal. Uma colega ia atrás dos materiais, ela dizia que fazia marketing e depois ia só buscar as doações.

Quero fazer aqui um confronto ou um contra ponto em relação à FUMEC⁵ e LETRAVIVA. Na FUMEC eu aprendi muito na parte pedagógica, eram muitos cursos, palestras, muitos relatórios. Nós ficávamos muito presas em relatórios para entregar, muita burocracia em si. Mas foram muitos anos de experiências, vivências etc. e muito mais.

O LETRAVIVA como é uma educação popular, nós fazíamos de tudo em classe, quer dizer: coisas prazerosas, os educandos eram o nosso centro de interesse. A gente inventava coisas na hora, as discussões, os bate-papos do momento eram um ponto de partida. No LETRAVIVA nós éramos iguais a relação educadora e educando surgia numa fluência perfeita que trabalhávamos vários temas tudo entrelaçado a partir de uma conversa do dia a dia.

Mariana , Fevereiro de 2005.

A leitura do diário na íntegra instiga e comove ao revelar a constituição de Mariana como educadora. Podemos vislumbrar suas dificuldades, seu trajeto marcado pela precariedade das condições de trabalho e por suas sucessivas tentativas de superação. Sua crítica à burocracia e à *educação bancária* é tão honesta, brotando da experiência vivida. Tão simples e potente ao mesmo tempo!

Os textos apresentados aqui, de educadoras que conseguiram atingir o objetivo de alfabetizar grupos de jovens e adultos, revelam que é possível tratar o processo de alfabetização como uma prática social que faça sentido para as pessoas. Pode ser prazeroso e criativo. Pode ser autoral. Sobre isso Paulo Freire insistiu tanto:

⁵ FUMEC – Fundação Municipal para Educação Comunitária, subordinada à Sec. Mun. Educação de Campinas. Responsável pelo primeiro ciclo da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental.

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares. Deveriam expressar a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação da sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de mundo (FREIRE, 1995, p.45).

Podemos notar nos registros das educadoras algumas das dimensões e categorias de análise muito caras à Educação Popular:

A ideia do **inacabamento** dos seres humanos e da história como campo aberto de possibilidades a serem recriadas pelos sujeitos. “Condicionado pelas estruturas econômicas, não sou, porém, por elas determinado [...] É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper” (FREIRE, 2000,p. 57).

A **concepção de mundo** marcada pela ideia de movimento, processo em constante construção: “Não há cultura nem história imóveis. O mundo não é. O mundo está sendo” (*Ibid*, p. 30 e 79).

A **concepção de homem e de mulher** como sujeitos e seres de relações. “Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*” (*Ibid*, p. 79).

Conclusões abertas podem *esticar horizontes*: continuar alimentando e colhendo sonhos

Segundo reportagens veiculadas em setembro de 2008, o IBGE estimou em 14,1 milhões o número de analfabetos no Brasil, com base em dados de 2007, o que representa 10% da população acima de 15 anos⁶. São números inaceitáveis resultantes de uma histórica dívida social imposta às classes populares e empobrecidas desse país. A pesquisa revela, ainda, que 2,1 milhões de crianças

⁶ Disponível em
<http://int.estadao.com.br/Multimedia/ShowImpressao.action?xmlPathname=not_eco244356,0.xml>.
Acesso: 21 out. 2008.

matriculadas nas redes de ensino, que já passaram por processo de alfabetização, não sabem ler e escrever⁷.

Assim, tomar a questão da alfabetização de jovens e adultos, bem como a formação dos educadores como tema para estudo, debate, pesquisa e trabalho árduo nas salas de aula, requer também a ousadia para retomar proposições feitas por Paulo Freire em sua obra. Segundo Wanderley Geraldi,

Pensar uma alfabetização com o cotidiano é tentar descobrir e abrir-se para aceitar histórias contidas e não contadas, opiniões e sonhos abortados pela desigualdade, tendo o cuidado de não confundir desigualdade com diferença (GERALDI, 2006, p. 65).

Uma das grandes contribuições que o campo da Educação Popular tem trazido para a construção de um país mais justo e solidário é justamente essa da acolhida ao saber da educadora, do educador popular e dos educandos.

O conhecimento das educadoras do mundo dos oprimidos, dos excluídos da cidade das letras (GERALDI, 2006) é fundamental para a superação deste quadro de *apartheid* social. No registro de Mariana, podemos perceber que muitas professoras do ensino regular não aceitavam trabalhar em um bairro distante da periferia urbana e ela, por ser moradora da mesma região, vivendo sob as mesmas condições econômicas, sociais, culturais, revelava um modo solidário e criativo de enfrentar os desafios da sala de aula e produzir situações de aprendizagem a partir do diálogo constante com a merendeira e com seus educandos.

Paulo Freire chamou de invasão cultural à pretensão de silenciamento aos saberes do povo. “Daí que seja necessário ao invasor descaracterizar a cultura invadida, romper seu perfil, enchê-la inclusive de subprodutos da cultura invasora” e continua mais adiante: “Para que os homens simples sejam tidos como absolutamente ignorantes, é necessário que haja quem os considere assim” (FREIRE, 1992, p. 42; 46).

Para que a educação seja humanizadora é necessário que haja o diálogo, tratado por Freire como o “encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam” (1992, p. 43).

⁷ Disponível em http://int.estadao.com.br/Multimedia/ShowImpressao.action?xmlPathname=not_ger247286,0.xml
Acesso: 21 out. 2008.

Apesar de todas as estatísticas do IBGE e dos Indicadores Sociais, sabemos que nesta sociedade, profundamente marcada pela desigualdade, há também uma luta constante pela sua transformação. Nas próprias instituições de ensino, precarizadas pelas infundáveis modalidades de abandono do poder público e da sociedade, existem educadores engajados no movimento de superação do fracasso escolar que atinge, como que por “encanto”, sempre os mesmos grupos sociais, segundo irônica e dramática observação de Regina Leite Garcia (1992, p. 8).

Na luta pela construção de uma sociedade democrática e solidária, a reinvenção do legado de Paulo Freire depende de nós, da reflexão sobre a nossa prática, da tentativa de ajustarmos cada vez mais nossos discursos às nossas ações cotidianas. Acreditamos que a contribuição de Paulo Freire, 41 anos após a publicação da *Pedagogia do Oprimido*, continua a nos desafiar. Sobre as demandas da Educação Popular no mundo contemporâneo, Pedro Garcia (2001, p. 87) afirma,

Em termos políticos, buscamos dar ênfase à luta cultural por uma nova subjetividade, campo por excelência da educação popular. Hoje não se trata de atingir um pondo de chegada predeterminado. Trata-se de formar sujeitos que possam navegar sem bússola para o desconhecido, buscando um conhecimento que, a cada passo, é necessário rever e reavaliar. Humor, ironia, solidariedade e a esperança de aportar em um porto seguro é o que desejo a todos nós.

Com esperança militante vamos alimentando e também colhendo sonhos, pois a experiência de formação, aqui brevemente compartilhada, representou um marco na trajetória da vida de todas as pessoas que com ela estivemos implicadas.

O trabalho com as histórias de vida dos educandos, educandas e dos educadores, possibilitou que o repertório individual destes sujeitos cognoscentes fosse acrescido por meio de novas aproximações do real e do vivido.

As experiências de formação e de (auto)formação confirmam que há uma práxis transformadora no trabalho que acolhe a todos como sujeitos produtores do conhecimento. Podemos seguir construindo um outro futuro possível, sem esquecer ou talvez aprender continuamente, *no caminho*, a viver a educação como prática social comprometida com a transformação dos cenários desumanizantes.

Vivenciando o diálogo, teremos mais oportunidade de aprender e também de compreender nossas contradições e limitações, e quem sabe, superá-las.

Ao referir-se ao diálogo, em *Cartas a Cristina*, Freire registrou: “Um melhor conhecimento dos núcleos entre si, a possibilidade concreta de intercâmbio entre eles, a ajuda mútua, maior eficácia do trabalho [...] Maior abertura ao diálogo ao lado de maior compreensão das limitações de cada um de nós” (FREIRE, 1994, p. 128). Diálogo, ajuda mútua, compreensão das limitações e dos desafios à superação, no nosso entendimento, são constitutivos do *ser educadora, educador*. Dialogando, convivendo, aprendendo com o outro, seremos capazes de seguir tentando fazer da educação uma prática da liberdade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. L. S. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, L. (Org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRANDÃO, C. R. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FILIZOLA, F.; CHAGAS, J. Palavra acesa. In: QUINTETO VIOLADO. *20 músicas do século XX*. São Paulo: PolyGram, 1999. 1 CD, faixa 19.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. A importância do ato de ler. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leituras no Brasil: Antologia Comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, A. L. S. A urgência de uma práxis transformadora e viável na educação do século XXI. *Revista de Educação da AEC*, Rio de Janeiro, n. 143, p. 07-20, abril/jun. 2007.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. Poder e desejo: a Educação Popular como modelo teórico e como prática social. In: GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Org.). *Educação Popular: Utopia Latino-Americana*. São Paulo: Cortez: EDUSP, 1994.

GARCIA, P. Uma experiência de formação de leitores com camadas populares através de rodas de leitura. In: RIBEIRO, V. M. (Org.) *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

GARCIA, R. L. (Org.) *Alfabetização dos alunos das classes populares*. São Paulo: Cortez, 1992.

GERALDI, J. W. Alfabetizações cotidianas: as letras da cidade e a cidade das letras. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (Org.) *Cotidiano e diferentes saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUFT, L. *Pensar é transgredir*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MELODIA, L; AUGUSTO, R. Mistério da Raça. In: MELODIA, Luiz. *Nós*. Rio de Janeiro: WEA, 1980. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 7.